

**A VIDA NO VAI-E-DEM DAS ÁGUAS:
Mulheres Marisqueiras de Salinas da Margarida Trabalho, Cultura e Meio Ambiente
(1960-1990).**

Rosana Costa Gomes¹

Resumo: Esta pesquisa se refere ao cotidiano das marisqueiras de Salinas da Margarida, município localizado no Recôncavo Sul da Bahia, situado na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos. A mariscagem feita por estas mulheres é uma prática que consiste no processo de catar pequenas conchas nas areias das praias, das quais são retirados os mariscos, conhecidos no local como chumbinho ou sarnabitinga. Esta atividade envolve relações de trabalho em grupo, que perpetua uma tradição marcada por aspectos próprios, referenciando a luta pela sobrevivência das marisqueiras e suas famílias. Mesmo com o avanço tecnológico no campo da ciência moderna, e diante da evolução urbana pela qual Salinas da Margarida atingiu no contexto da globalização, a arte de mariscar, não perdeu importância na vida dessas mulheres que se engajam com vigor na sedenta peleja em prol da sustentação de suas vidas.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Cultura.

Abstract: This research is about the daily life of shellfish workers of Salinas da Margarida, town located in southern Recôncavo, Bahia, in the Watershed of Rio Paraguaçu, Todos os Santos Bay. The “mariscagem” practiced by these women is a process where small shells in the sands of the beaches are collected, from which is taken the shellfish, locally known as “chumbinho” or “sarnabitinga”. This activity involves working relations in a group which perpetuates a tradition marked by peculiar aspects, referencing the struggle for survival of the workers and their families. Even with technological advances in the field of modern science, and in the face of the urban development reached by Salinas da Margarida in the context of globalization, the art of “mariscar” didn’t lose importance in the lives of these women who engage with energy in the thirsty battle for the support of their lives.

Keywords: Woman. Work. Culture.

A todo instante, as pessoas viabilizam formas diferentes de trabalhos que extrapolam aquelas marcadas pelo mercado. Empurradas daqui e dali, mulheres e homens buscam corresponder ao chamado que a vida lhes atribui. Muitas vezes, esses formatos de sobrevivências derivam de práticas tradicionalmente construídas no âmbito familiar.

No cotidiano de Salinas da Margarida, a mariscagem de catar chumbinho, que é considerada uma pesca artesanal, tem como características ser desenvolvida com a participação de membros familiares, sendo saliente a importância desse meio de trabalho para

¹ Universidade do Estado da Bahia – UNEB. CAMPUS V. Santo Antonio de Jesus-Bahia; Graduada em História, Especialista em História Regional, Mestranda em História Regional e Local. Professora da Rede Pública do Estado da Bahia.

a própria família. As crianças eram educadas durante o convívio com suas mães, nas jornadas das mariscagens, e como já afirmou Agnes Heller, “O homem nasce já inserido em sua cotidianidade.” (HELLER, 1992:18). O tempo da convivência entre os filhos e as mães se repetia todos os dias por longas horas. As crianças enquanto trabalhavam e brincavam, presenciavam também as conversas dos adultos.

A contribuição infantil no trabalho além de representar uma quantidade maior de mariscos catados e ajuda no transporte, assegurava a difusão da tradição. Na rotina das mariscagens, as crianças observavam o trabalho que suas mães faziam, absorviam esses saberes e realizavam a mariscagem. Não esquecendo o que lembra Michelle Perrot “as mulheres do povo têm outros saberes e poderes, principalmente médicos, religiosos e mesmo culturais.” (PERROT, 2001:181). Era também nesses espaços que suas mães preparavam-nas para a vida. Imbuídas de conceitos, transmitia-os ensinando aos seus filhos o caminho que deveriam andar.

Em Salinas, adultos que mariscavam disseram que quando crianças não o faziam obrigadas, colocavam-se a disposição para ajudar e lançavam-se em direção da maré com risos e brincadeiras. Lá, ao contrário dos adultos, não sentiam tanto o peso da responsabilidade de mariscar e acabavam divertindo-se com a criatividade própria da infância.

Por outro lado, deve-se lembrar que essa atividade é marcada por aspectos próprios e que uma de suas características é ser desenvolvida de maneira difícil e estafante. O depoimento abaixo de Cleide, marisqueira indica essa peculiaridade:

É cansativo, é difícil pra caramba! Cavar de um em um ali no sol quente, pegar o peso... Pra você pegar um quilo de marisco, você passa horas ali mariscando, raspando aquela areia todinha. Lava o marisco, coloca na vasilha e leva na cabeça o peso. À distância de casa é sempre muito, muito quilômetro, muito mesmo! E você vai lá no sol, na areia quente [...] No inverno não se fala... A chuva é chuva demais, aqui chove demais. Aí, tem que ir para a maré debaixo de chuva, trovoadas... (SILVA, 2002).

Cleide tinha 22 anos de idade quando concedeu a entrevista. É filha e neta de marisqueiras. Começou a mariscar com a idade de 12 anos. Teve duas filhas, mas não morava com os pais das crianças – as filhas eram de pais diferentes – Quando começou a mariscar era apenas para ajudar na renda familiar. Sustentava sozinha a família. Trabalhou temporariamente em uma das pousadas de Salinas. Segundo ela, esse trabalho não lhe oferecia nenhum vínculo empregatício e o salário que recebia era pouco. Assim, continuava mariscando. Neste depoimento, nota-se dificuldades que perpassam os aspectos físicos e

abrangem os aspectos naturais, como o mal tempo vivenciados. Elas o faziam de cócoras ou debruçadas sobre a areia, cavavam e catavam as pequenas conchas com grande maestria.

A quantidade do produto pescado sempre dependia do peso que se agüentava transportar. A denominação que é dada ao marisco (chumbinho), parece fazer sentido, pois eles são pequenos, não tão pequenos quanto à esfera do chumbo industrializado para arma de fogo, mas consideravelmente pequenos e pesados. Antes de serem degustados, os chumbinhos eram retirados das conchas e depois passavam por um processo duplo de fervura; a primeira vez é para poder tirá-los das conchas, e a segunda, faz-se necessária para que seja retirada uma substância, um caldo da cor de chumbo, que pode provocar mal estar nas pessoas. Quanto as conchas do chumbinho, chamadas de cascas, eram lançadas na frente, no lado ou no fundo das casas das marisqueiras que, acumuladas formavam montes, e outras revestiam o solo como se fosse um tapete branco, onde naturalmente as pessoas caminhavam sobre elas.

Cleide prosseguiu seu depoimento e destacou a dificuldade em realizar a mariscagem. Apesar disso, toda a falta de tranquilidade é relativamente deixada de lado quando, diante das dificuldades que passam, agradecem a Deus por dar-lhes a maré e terem através dela o sustento. É o que Cleide expõe:

É muito difícil mesmo, é péssimo mariscar. Mas... É bom! Eu agradeço muito a Deus de ter a maré, como muitas pessoas, porque é um meio de sustento. Porque se não tivesse a maré... Eu já chorei várias vezes porque não tinha o que dar às minhas filhas, e naquele dia eu amanhecia aí, ia mariscar. Voltava e de noite já tinha o leite, a farinha de mingau, coisas que se fosse em Salvador, ou em outro lugar não tinha, né? Porque aqui, apesar de ser pequena, pouco conhecida, tem o recurso que é a maré. (SILVA, 2002).

O depoimento de Cleide é caracterizado por sentimentos ambíguos, que marcam a sua relação com o trabalho da mariscagem. O difícil, o péssimo e o bom se mesclam durante todo o período em que ela se refere ao seu trabalho. Ela apontou Salinas como uma cidade pequena, que apesar de não oferecer muitas outras possibilidades de trabalho, tem a maré que permite a conquista do pão diário. Cita a capital Salvador que, embora possua muitas outras possibilidades de trabalho, ela acreditava que se morasse lá passaria dificuldades ainda maiores do que aquelas que passava em Salinas. Ela fez questão de ressaltar que gostava de mariscar, apenas não gostaria que fosse esse o único meio de sustento. Pois sem essa preocupação, a maré se tornaria um lugar de lazer, onde seria possível brincar, tomar banho, e não apenas pegar frutos do mar. Já que a lida na maré era tão desgastante e o retorno financeiro muito baixo.

Nas conversas mantidas com as marisqueiras, ocorriam sempre desabafos. Eram queixas quanto ao valor em que era comercializado o chumbinho. Depois de todo o trabalho que envolvia a prática desta mariscagem, não ocorria o merecido valor. Esse ponto de vista é defendido por Rose:

Eu acho que o chumbinho precisava ser valorizado, pra que as pessoas reconhecessem que ele tem um valor bem maior que o camarão. Sem contar que você não aproveita as cascas do camarão. As cascas do chumbinho servem pra você fazer artesanato, serve pra alicerce, serve pra moer, pra fazer ração de galinha. Algum tempo atrás já serviu de cal, pra misturar no cal, tanto o casco do chumbinho como o casco da ostra. (CAETANO, 2003).

No momento que falou sobre o valor do chumbinho, ela deslizava com força e de maneira rítmica o dedo médio no dedo polegar. A intenção era acentuar o valor mediante as utilidades do produto, com um gesto que “contribuía com a voz para fixar e para compor o sentido”. (ZUMTHOR, 1993: 244) Isso no intuito de se obter mais compreensão e de transmitir mais veracidade na idéia que se deseja divulgar. O gesto é um parceiro primordial nesse propósito da comunicação oral.

Rose procurava fazer sua parte na tentativa de mudar esta discriminação. Mantinha conversas com as pessoas para que reconhecessem o valor deste produto. Na sua barraca em Salinas, vendia petiscos feitos com os chumbinhos a um valor nivelado aos demais mariscos e afirmou a variedade que as cascas de forma criativa poderiam ser aproveitadas.

Com o tempo, Rose buscou outras formas de trabalho desenvolveu funções fora da maré. Formou-se em magistério, mas não exerceu a profissão. Teve um bar na orla marítima de Salinas da Margarida e outro em Salvador onde vendia, entre outras coisas, frutos do mar. Viveu desenvolvendo mecanismos para desdobrar-se entre Salvador e em Salinas da Margarida. Este viver foi mais uma forma de luta pela manutenção de sua vida e da sua família.

Entre as marisqueira, multiplicam-se as memórias sobre as estratégias criadas para enfrentarem as adversidades que viveram. Dona Sofia, por exemplo, relata os momentos na maré em companhia de sua mãe, quando esta ainda mariscava. Falou com entusiasmo e saudosismo de sua infância quando dividia seu tempo entre os estudos e a mariscagem:

No tempo de minha mãe eu tava na escola, eu fazia assim... Na minha época, a escola era duas vez no dia. Não é hoje que é uma vez só, não! Era de manhã e de tarde... Eu ia pra escola quando chegava eu perguntava por mamãe, arriava os livros, já sabia onde ela estava, a maré que ela ia, era aqui perto, ia todo dia. Quando chegava, almoçava e ia pra escola de novo, que era duas vezes por dia... Naquela época tava de uns 8 a 10 anos, 8 a 10 anos não perdia a minha escola, nunca perdia, já gostava da minha escola. (PINHEIRO, 2003).

É possível notar que a atividade de mariscar vem de tempos longínquos. Nesse sentido, esclarece Hall “As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam.”. (HALL, 2003: 36). Chegar em casa depois da escola, era um momento marcado de euforia para Dona Sofia, por significar que iria até a maré ao encontro da mãe e junto com ela iria desfrutar alguns momentos de lazer brincando e ajudando-a na coleta dos mariscos. Ela trouxe em suas lembranças o período que tinha a idade de 8 a 10 anos, e desenvolvia junto com sua mãe a mariscagem.

No período da entrevista Dona Sofia tinha 82 anos de idade. Com o referencial da idade dessa senhora, foi possível observar que essa atividade marítima é realizada há bastante tempo em Salinas da Margarida, configurando-se assim, como uma prática tradicional.

Dona Sofia, viúva e mãe de 10 filhos, sorriu quando falou que não sabe quantos netos e bisnetos têm. Com alegria, lembrou que aguarda os tataranetos. Disse que gostava muito de estudar, estudou da primeira até a quarta série do curso primário; seu grande sonho era tornar-se professora. No entanto, este sonho ela não conseguiu realizar por seu pai não ter tido condições de patrocinar os seus estudos e por sérios problemas de saúde que ela teve.

Ela afirmou ter deixado de mariscar por insistência dos filhos e netos preocupados com a saúde dela. Associou-se à Colônia dos Pescadores de Salinas, que viabilizou os meios legais para que ela se aposentasse como pescadora. Porém, aposentada, afirmou que se deixassem, ela ainda iria para a maré, trabalho iniciado ainda criança e que sempre gostou de fazê-lo. Mesmo quando estudava e tinha que permanecer na escola durante a maior parte do dia, mas sempre que podia, dedicava algum tempo na maré em companhia de sua mãe.

Quando casou e vieram os filhos foi dos recursos do mar o principal meio de sustento. Criou os filhos e dessa forma foram criados os netos. Ela atribuiu à mariscagem todos os bens materiais que conseguiu obter durante a sua trajetória de vida, e muitos dos saberes que adquiriu através das experiências que vivenciou com amigos, companheiros das jornadas de trabalho.

Dona Amor sofreu muito durante o tempo em que esteve casada, pois teve que ser pai e mãe dos filhos, já que o lucro que seu marido obtinha da pescaria era consumido em bebidas. Foi possível observar as mãos e os pés de Dona Amor enquanto ela falava. Tanto os dedos das mãos quanto os dedos dos pés apresentavam cicatrizes de cortes que foram gerados nas longas jornadas de trabalho, realizadas no decorrer da vida. As dores na coluna é outro problema que normalmente as marisqueiras apresentaram por ter permanecido tantas horas debruçadas na areia mariscando o chumbinho. A pele, os cabelos e a visão eram afetados

pelos efeitos negativos do sol, devido ao longo tempo de exposição, não apenas ao sol, mas também ao vento, a chuva e ao sereno.

Entretanto, como Dona Amor fez questão de dizer, apesar de todo o cansaço que podia significar ir mariscar, ela sublimava essa fadiga diária fazendo-se a “alegria da maré” (RAMOS, 2007). Ao mesmo tempo em que trabalhava, buscava alegrar as demais companheiras com a sua cantoria, brincadeiras e anedotas. Em intervalos se banhava nas águas, para refrigerar seu corpo do calor provocado pelo contato direto com o sol, e para afastar a canseira que enfraquecia suas forças com o passar das horas do trabalho.

Sobre esse cotidiano de pessoas que estão em contato direto com a natureza Jacques Laberge esclarece: “Chuva e água, sol e água, noite e água. Pode faltar o peixe, pode romper a rede, mas nunca este contato direto com a natureza: sol - chuva - noite - água.” (Laberge, 2000: 45). Ao seguir as riquezas das informações diversas do senso comum, observando a lua, a direção dos ventos e a formação das nuvens, muitos homens e mulheres que vivem do mar, sabiamente discernem o momento daquilo que devem fazer e como pôr em prática seus conhecimentos relativos à natureza.

Algumas marisqueiras fizeram questão de falar do cuidado que elas dedicavam ao corpo. A esse respeito nos conta Cleide:

Pode a gente passar o dia todo mariscando, mas quando a gente chega, todo mundo toma banho, aí almoça, ou toma café, dependendo do horário, e depois é que a gente vai continuar o processo. Vai esquentar, catar, embalar pra vender. Mas tem gente que não, que anda todo sujo pelo meio da rua [...] você tem que se conscientizar que você também é gente. Você tem que andar limpinho, calçadinho, as unhas cortadas, cabelo penteado. Mesmo que você não tenha um tempinho, mas você uma hora vai ter que parar, se cuidar também. (SILVA, 2002).

A marisqueira Cleide fez questão de relembrar, com consciência do valor próprio, que não era pelo fato delas fazerem um trabalho tão “desvalorizado” diante da sociedade capitalista, que deveriam descuidar da sua condição feminina. Nesse propósito, as análises sobre o cotidiano elaboradas por Agnes Heller vêm esclarecer que “São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.” (HELLER, 1992: 18). Tais explicações sintonizam-se com aspectos do dia-a-dia das marisqueiras, o cuidado que elas tinham com o trabalho, era vinculado a outras esferas da vida: Apesar desse vai-e-vem na labuta diária em que múltiplas atividades precisavam ser realizadas, para Cleide não deveria faltar o batom adornando o sorriso, unhas pintadas, cabelos frisados, roupas limpas para levantar a auto-estima do que de fato são: pessoas, mulheres.

Associado ao trato com os seus corpos é perceptível a preocupação com a legalidade de sua profissão. Por ser um trabalho sem garantias de salário fixo, acabam ficando desprotegidas. Assim, elas buscavam na Legislação, seus direitos trabalhistas. Em Salinas da Margarida, essas mulheres que se denominam como marisqueiras e mariscadeiras, na busca de afirmar a sua identidade através dessa prática artesanal, denotaram a percepção do seu valor ao se organizarem, apoiando a criação da Associação das Mariscadeiras de Salinas da Margarida, sociedade civil sem fins lucrativos. O estatuto da associação apresenta como primordial finalidade defender democraticamente a idéia de compromisso com o trabalhador sem distinção de nacionalidade, raça, cor ou religião, valorizando a força do trabalho artesanal por elas.

Os trabalhos da associação estavam voltados para o lado social. Ângela Lima contou sobre os trabalhos que a associação desenvolvia:

A associação faz pelas mariscadeiras um esclarecimento melhor sobre sua realidade: o serviço social. Conseguem hoje saber o direito que ela tem perante a justiça, perante a aposentadoria... Dar ajuda, dar remédio, dar cesta básica. Quando a gente também tem condições, que a associação tem também conta pra pagar. Aí tem que pagar as contas, do que sobra a gente compra. A gente faz bingo, fazemos seresta pra poder beneficiar alguma associada. (LIMA, 2002).

Para as marisqueiras participarem dos benefícios da Associação era preciso que estivessem em dias com o pagamento da mensalidade. Segundo Ângela, apesar de ter 110 associadas, nem todas pagavam a mensalidade, o que dificultava os trabalhos que a associação buscava fazer. Além da renda que vinha da mensalidade, a associação contava com o aluguel de um restaurante localizado na orla marítima de Salinas.

Em Salinas da Margarida, funcionava uma Colônia de Pescadores, a Z13, um Órgão que dentre outras funções, recolhe as contribuições dos pescadores e repassa para a Previdência Social os valores recolhidos. No caso das marisqueiras, elas se associavam à colônia, como pescadoras, e participavam dos benefícios garantidos pela Previdência Social.

Segundo o depoimento de Ângela, para conseguirem através da Colônia dos Pescadores os benefícios da Previdência Social, era necessário que elas se associassem à Colônia e pagassem em dias a taxa da mensalidade. Quando completavam no mínimo 10 anos de contribuição e com a idade de 50 anos, elas então tinham o direito à aposentadoria. Além desse benefício, podiam contar com outros serviços como auxílio maternidade e auxílio doença. As dirigentes da associação faziam o trabalho de divulgação dos direitos das marisqueiras, e as estimulavam a irem buscar os mesmos. Ao que se pode observar, estar representada por uma categoria traz um sentimento de complemento. Quanto às marisqueiras,

elas buscavam os valores legais dessa prática, que também estão em vigência em todo território nacional.

Muitas marisqueiras falaram de suas aflições, venturas, desventuras e decepções experimentadas por elas em seu cotidiano. Como Dona Maria José, em um clamor franco e pleno de dificuldades vivenciadas, lembrou que precisavam muito da ajuda do poder político constituído para que amenizassem a labuta diária da mariscagem. Apontou a doação de um meio de transporte como forma de ajuda para que elas desenvolvessem o trabalho com menos entraves.

O que a gente precisa aqui em Salinas é de uma ajuda, de um transporte. Pra gente que vai lá que traz que pega, e que tenha o transporte pra trazer. A gente, as mulheres de Salinas, é o peso que a gente pega no dia-a-dia e isso é todo dia. A gente sente cansada, é trabalho sim! Um trabalho cansado, mas é um trabalho também que a gente se sustenta, com isso que a gente vive. Eu criei 11 filhos através da maré e eu fiz sempre um trabalho que eu precisava fazer porque não tinha outra oportunidade de fazer. Só tinha essa mesmo, e eu ia fazer esse trabalho. Mas nunca fui zangada por fazer isso não, eu sempre tive orgulho de trabalhar na maré, acho que isso aqui não é desprezo não [...] A gente tá precisando de ajuda, a gente tem que fazer muito apelo pra ver se o governo estadual, federal, qualquer um deles dá uma ajuda de transporte. Como eu mesmo tô com 53 anos, mas se eu for mariscar eu marisco, e agora pra trazer? Como é que traz? À distância... A gente não pega aqui perto, a gente vai pra longe pra pegar. (PINHEIRO, 2003).

Dona Maria José não vai mais catar chumbinho. O desabafo mostrou sinais de cansaço físico e psicológico acumulados ao longo dos anos, gerados tanto pela labuta diária de mariscar quanto pelas promessas feitas por políticos. Que segundo ela, não faziam uma política digna que atendesse as demandas das primordiais necessidades da população pobre, e ainda colocando-as num estado de segregação pós-período eleitoral. Algumas marisqueiras reclamaram com veemência por um projeto social que as fizessem sentir-se pessoas respeitadas no âmbito de seu trabalho. O transporte para locomoção dos mariscos foi apontado por muitas marisqueiras como um bem necessário e que muito lhes fazia falta, pois o suprimento desta necessidade favoreceria muito na diminuição do cansaço diário.

Foi possível perceber o quanto essa atividade é imprescindível na vida dessa população e como o meio ambiente está associado a suas vidas. Apesar das fortes investidas do poder capitalista para dominar o espaço natural salinense, as marisqueiras não se deixaram sucumbir e buscaram, a medida que foi passível, viabilizarem meios para assegurarem o direito de continuarem extraindo o seu alimento da natureza. Essa atividade mostra o quanto a natureza precisa ser de maneira prudente mantida para que a cultura da mariscagem do chumbinho prossiga sustentando vidas.

As análises realizadas sobre as mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, descortinam dimensões do cotidiano de suas vidas, possibilitando que se adentre em suas

histórias e ponha em destaque as estratégias por elas criadas para garantirem a sua sobrevivência e a de suas famílias. São alternativas as quais apontam que apesar de muitas portas da sociedade terem sido fechadas ao longo de suas vidas, para elas, a descrença nos sonhos não as dominaram, e continuam a extrair da natureza recursos que asseguram de maneira honesta a manutenção de suas vidas.

Muito mais ainda há para ser analisado a respeito dessas pessoas que, com simplicidade, persistem como o tempo, vivendo o seu dia-a-dia. Marcado por um cotidiano no qual, o briquear com os chumbinhos lhes favorece a certeza maior para a sobrevivência, o pão de cada dia, conquistado com a dignidade de um trabalho que enriquece a história local e regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LABERGE, Jacques. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.) *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.

PERROT, Michelle. *Os Excuídos: operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

FONTES

Fontes orais:

Ângela Ribeiro de Lima, 23 anos de idade, ex-marisqueira e vice-presidenta da Associação das Marisqueiras, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 31 de maio de 2002.

Cleide França Silva, 22 anos de idade, marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 1 de maio de 2002.

Heloisa Marcelina Ramos (Dona Amor), marisqueira, 70 anos de idade, residente em Salinas da Margarida. Entrevistada em 25 de setembro de 2007.

Maria José Pinheiro, 53 anos de idade, marisqueira residente em Salinas da Margarida. Entrevistada em 13 de fevereiro de 2003.

Rosângela Áurea Caetano, 34 anos de idade, ex-marisqueira, comerciante, residente em Salvador. Entrevista em 15 de fevereiro de 2003.

Sofia Lima Pinheiro, 82 anos de idade, ex-marisqueira, residente em Salinas da Margarida. Entrevista em 13 de fevereiro de 2003.